

**A HISTÓRIA TAQUIGRAFADA:
CONTRIBUIÇÕES DA TAQUIGRAFIA PARA A HISTÓRIA ORAL
XVI INIC / XII EPG - UNIVAP 2012**

Suzanne P Silva¹, Prof^a Dr^a Valeria Zanetti²

Universidade do Vale do Paraíba, Rua Dr. Tertuliano Delphim Jr, 181 - Jardim Aquarius, São José dos Campos SP, su-eller@hotmail.com, vzanetti@univap.br

Resumo- Este trabalho tem como proposta o uso da taquigrafia como ferramenta de apoio para pesquisadores da história oral. Sugerimos a taquigrafia como ferramenta de história oral, por possibilitar o registro, na íntegra, do discurso estabelecido entre entrevistado e entrevistador evitando desvios comuns que possam vir a ser encontrados na transcrição. O artigo aborda, de forma reduzida, a técnica e a geometria das palavras, reforçando a importância da taquigrafia em qualquer acontecimento que implique situação de coleta de depoimentos.

Palavras-chave: Taquigrafia, história oral, taquigrafia e depoimentos.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

O presente trabalho visa discutir a importância da taquigrafia como suporte para a história oral.

Apresentamos a taquigrafia e mostramos sua relevância para a coleta de fonte oral, a exemplo de setores da administração pública que utilizam a taquigrafia nas sessões da Câmara dos Deputados em Brasília.

Para tanto, foi imprescindível o estudo de temas como: história oral em suas fases e desenvolvimento, debates em torno da aceitação da taquigrafia pelos estudiosos da história oral e o uso da taquigrafia na história oral como ferramenta para a obtenção de entrevistas.

Metodologia

Para o desenvolvimento dessa pesquisa embasamo-nos em produções acerca da história da taquigrafia, métodos e produções da história oral.

Como referência, utilizamos leituras que nos permitiram entender as formas de abordagem e metodologia da história oral, bem como da taquigrafia.

A proposta enquadra-se no campo da técnica do fazer histórico e tem como eixo norteador de discussão a história social que privilegia o sujeito histórico e suas experiências historicamente localizados.

Discussão

Entende-se a taquigrafia como forma de linguagem e técnica de registro oral produzido pela sociedade.

A Taquigrafia consiste num método fonético. Etimologicamente é uma palavra grega: taqui (rápido) e grafia (escrita); termo que define o método abreviado e veloz de uma escrita. A técnica é empregada atualmente por diferentes profissionais como repórteres, jornalistas e secretários, que necessitam registrar informações de forma rápida.

Para o professor e taquigrafo Waldir Cury:

“A taquigrafia é um sistema gráfico que se regula em geral, pela Fonética. Daí chama-se a taquigrafia uma “escrita fonética”. Na taquigrafia, cada sinal representa um determinado som. Um mesmo sinal pode ter vários tamanhos para significar diferentes sons. E dependendo do lugar que ocupa na pauta (embaixo ou em cima, aqui ou ali) representará um som específico. Um sinal ligado a outro tem significado sonoro; separado do outro. Um simples espaço entre dois sinais pode ser também indicativo de um som diferenciado. Os detalhes diferenciais e determinantes de signos e sons variam de método para método” (CURY, 2007, p. 1).

Existem vários métodos taquigráficos, cada um com suas diferenças, embora os sinais tenham quase sempre a mesma geometria. Cada sinal, em cada método, tem um valor, um som diferente entre outros significados. Os métodos mais utilizados para o registro da “palavra falada” e sua

apresentação são: Leite Alves (76%), Taylor (33%) e Maron (28%), segundo Censo realizado em 2003.

No idioma português, a velocidade taquigráfica alcança em média 140 palavras por minuto, dependendo muito das palavras empregadas pelo orador, o que influencia na desenvoltura, na fluência e na velocidade taquigráfica.

Os sinais são taquigrafados sílaba por sílaba representando o som da letra, fazendo de sua geometria sinais representativos a cada consoante e vogal.



Fig.1 Sinais usados para consoantes
fonte: <http://taquigrafialeitealves.com.br/?cat=4>



Fig. 2 Sinais usados para vogais
Fonte: <http://taquigrafialeitealves.com.br/?cat=4>

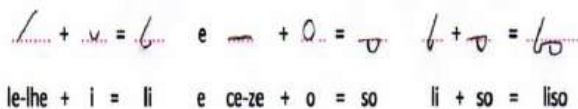


Fig. 3 Sua junção (Método Leite Alves).
Fonte: <http://taquigrafialeitealves.com.br/?cat=4>

Para o registro dessa técnica, de acordo com os métodos destacados acima, utiliza-se apenas papel sulfite, caderno, folha solta, lápis borracha ou caneta. De acordo com os defensores da taquigrafia, a oralidade é transcrita fidedignamente e com precisão em cada palavra entoada.

Verena Alberti em *História Oral a Experiência do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (Cpdoc)*, de 1990, em comemoração à data de 15 anos do programa de História Oral do Cpdoc, publicou um manual que sintetiza a sua própria experiência no campo de estudo. Trata-se da questão oral como uma fonte não apenas informativa, mas como instrumento de compreensão mais ampla do significado da ação humana, tendo um valor eminentemente instrumental.

Alberti, ao mesmo tempo em que avalia práticas de coleta de depoimentos, elabora um direcionamento voltado para a execução das entrevistas, levantando pontos negativos e positivos, dificuldades e praticidades, resultando, por sua vez, em propostas metodológicas para o desenvolvimento de trabalho que utiliza como fonte a história oral.

O manual do Cpdoc, (ALBERTI) percorre toda uma metodologia de escolhas dos melhores mecanismos de auxílio para a qualificação da coleta da história oral como, por exemplo, a preparação de uma entrevista, os cuidados na transcrição, conferência de fidelidade, entre outros. Em sua introdução, a autora descreve as primeiras entrevistas no programa de História Oral do Cpdoc, implantado em 1975:

"Pioneiro no Brasil, o programa procurou conjugar duas tendências configuradas no desenvolvimento da história oral, a primeira norte-americana, que privilegia a formação de banco de dados de depoimentos orais, sem que sua produção se subordine necessariamente a um projeto de pesquisa, e a segunda européia, que privilegia a lógica da investigação científica, sem que as entrevistas dela resultante sejam necessariamente colocadas à disposição de um público de pesquisadores" (ALBERTI; 1990 p.3).

A utilização da História oral nos remete a intensos trabalhos de gravações ou entrevistas. As novas tecnologias têm apoiado significativamente o trabalho dos pesquisadores. No entanto, nem sempre dispomos, no momento, de equipamentos quando necessitamos recolher depoimentos. O registro taquigráfico seria uma alternativa a mais para os pesquisadores da História Oral, não só por contar com poucos recursos e habilidade do registrador, como também por aumentar a capacidade da coleta de informações ao proceder ao apanhamento do discurso com mais rapidez (Ramalho, 2007).

Resultado

Trabalhar com a oralidade é dar voz aos indivíduos. As anotações feitas durante uma entrevista precisam representar de fato o discurso do depoente, sem qualquer tipo de adulteração por parte do entrevistador.

A taquigrafia entraria como um suporte a mais para o pesquisador da história oral, na medida em que exige poucos recursos (papel e caneta), rapidez no apanhamento da informação e na sua veracidade, compensando os esforços do depoente.

Segue um pequeno trecho de um artigo de Alberti com relação aos cuidados que o entrevistador deve ter:

"Em primeiro lugar, ela (entrevista) é um resíduo de uma ação interativa: a comunicação entre entrevistado e entrevistador. Tanto um como o outro tem determinadas idéias sobre seu interlocutor e tenta desencadear determinadas ações, seja fazer com que o outro fale sobre sua experiência (do lado do entrevistador), seja fazer com que o outro entenda o relato de tal forma que

modifique suas próprias convicções enquanto historiador (do lado do entrevistado). Em segundo lugar, a entrevista de história oral é resídua de uma ação específica, qual seja a de interpretar o passado – uma ação que é desencadeada tanto pelo entrevistado quanto pelo entrevistador”. (Albert, 1996, p.3)

Fazer com que as dificuldades sejam eliminadas em benefício da praticidade e agilidade é o objetivo da pesquisa, uma vez que, segundo o professor Waldir Cury.

“A escrita comum consegue captar uma média de 30 palavras por minuto, enquanto a escrita taquigráfica quase 500. Em uma comparação clara, seria o mesmo que diferenciar uma carroça de um carro de Fórmula 1” (JORNAL O FLUMINESE, 2011).

Conclusão

Recentemente a tecnologia tem avançado de forma surpreendente, principalmente na gravação de áudio e vídeo e de aprimoramento de softwares o que beneficia muito, tanto para uso na história oral como em auxiliar nas transcrições taquigráficas. Entretanto, é importante ressaltar que a tecnologia tem colaborado bastante com o recolhimento de informações, no entanto, ainda não é capaz de registrar textos orais de maneira célebre e eficaz, como no uso da taquigrafia.

Acredita-se que a taquigrafia pode contribuir significativamente para a história oral. Os benefícios vão além de anotações por sons e palavras, anotam-se idéias elaboradas a partir de momentos Na taquigrafia, o profissional consegue superar a velocidade e a eficiência das máquinas e redigir a cópia fiel do que é falado simultaneamente entre as pessoas. De acordo com Paulo Volnei Bernardes Xavier.

“A escrita comum consegue captar uma média de 30 palavras por minuto, enquanto a escrita taquigráfica quase 500. Em uma comparação clara, seria o mesmo que diferenciar uma carroça de um carro de Fórmula 1”, exemplifica o especialista (JORNAL O FLUMINESE, 2011).

Assim, entende-se que a taquigrafia remeterá a mais um novo método do fazer histórico.

- ALBERT, Verena História Oral a Experiência do Cpdoc, Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1990.

- ALBERT, Verena. O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado. 1996. <Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6767/869.pdf?sequence=1>>. Acesso em 16/06/2012.

- CURY, Waldir TAQUIGRAFIA EM FOCO. Disponível <<http://www.taquigrafia.emfoco.nom.br/historiadataquigrafia/diadotaqui.pd>> e <http://www.taquigrafiaemfoco.com.br/artigos/TAQUIGRAFIA%20E%20O%20FUTURO.pdf> Acesso em 24/12/2011.

- FRANÇÔES, Etienne Usos e Abusos da História Oral. IM: FERREIRA, MARIETA de M. e AMADO, JANAÍNA. Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1990.

- JORNAL O FLUMINENSE, 2011 Disponível em <<http://jornal.ofluminense.com.br/editorias/empregos-e-negocios/bons-salarios-mas-poucos-profissionais-no-mercado>> Acesso em 21/09/2012.

- RAMALHO, Ana Cristina de Macedo, A Importância do Registro Taquigráfico para o Processo Legislativo, 2007. Disponível em < http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/5830/importancia_registro_ramalho.pdf?sequence=1> Acesso em 24/09/2012.

- TAQUIGRAFIA LEITE ALVES Disponível em <<http://taquigrafialeitealves.com.br/>> Acesso em 25/07/2011.

Referências

